

## LETRAMENTO, ORALIDADE E ESCRITA EM CONTEXTO DIGITAL

Ana Maria Pires Novaes<sup>1</sup>

### RESUMO:

A ampliação contínua de acesso às tecnologias de comunicação e da informação pelos indivíduos na contemporaneidade tem trazido mudanças significativas às práticas de leitura e escrita. Na busca de avaliar as implicações dessas mudanças no ensino/aprendizagem de língua materna, pesquisadores da área vêm estudando múltiplas formas de letramento ou letramentos, que envolvem, entre outros tipos, a multimodalidade das mídias virtuais. Por sua vez, as instituições de ensino não podem mais limitar o letramento aos chamados gêneros escolarizados, uma vez que é preciso habilitar os alunos para a produção de outros gêneros discursivos que circulam na vida social, inclusive aqueles que se constituem no ambiente digital. Este estudo tem como objetivo discutir as interações síncronas da internet, bem como a interface entre língua falada e língua escrita no continuum dos gêneros textuais que se produzem nesse contexto. Pretende, ainda, refletir sobre um redirecionamento do ensino que considere as novas tecnologias de informação e comunicação.

### PALAVRAS-CHAVE:

Gêneros virtuais, oralidade, escrita, letramento, ensino.

### Introdução

O acelerado avanço tecnológico da atualidade, em especial a mídia eletrônica, vem ampliando a noção de texto e favorecendo o surgimento de uma variedade de novos gêneros. O domínio exclusivo do texto verbal escrito não é mais suficiente, uma vez que os letramentos hoje exigem conhecimento e capacidades relativas a diversas linguagens e variadas semioses.

A escrita eletrônica, ao romper com a estrutura convencional de texto, dá lugar ao hipertexto, que se caracteriza como um processo de escritura/leitura não sequencial e não linear, que permite ao leitor o acesso, em tempo real, a outros textos, a partir de escolhas locais e sucessivas. É ele uma “forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (XAVIER, 2004, p.171). Tais características obrigam os estudiosos da linguagem a rever noções como linearidade, estrutura, coesão, coerência, entre outras, porque, o

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela UFF. Professora do curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Desenvolvimento Local e do curso de Letras da UNISUAM / Centro Universitário Augusto Motta.

ambiente virtual permite ao leitor definir interativamente o fluxo de sua leitura a partir do acesso a um número praticamente ilimitado de textos em tempo real.

Essencialmente interativo, o hipertexto é um processo de escritura/leitura multilinearizado, multisequencial e indeterminado, realizado em um novo espaço (MARCUSCHI, 2007, p.146). Além da interatividade, da não linearidade, da acessibilidade ilimitada, caracteriza-se pela multimodalidade/multisemiose, isto é, pela possibilidade de interconectar simultaneamente a linguagem verbal com a não-verbal (musical, cinematográfica, visual, entre outras). No hipertexto, também estão presentes características como a volatilidade, decorrente da própria natureza virtual do suporte, a topografia, espaço de escrita e leitura sem limites definidos, e a fragmentariedade, evidenciada na constante ligação de porções breves, com possíveis retornos ou fugas, determinantes na definição desse texto que se produz com outro formato e num outro ambiente.

É preciso considerar também que a Comunicação Mediada por Computador (CMC) determina a existência de um conjunto de novos gêneros que emergem nesse contexto - chats, e-mails, aulas virtuais, blogs, videoconferências interativas, entre outros, e redefine os limites entre autor e leitor.

Outro ponto importante, quando se discute o ensino/aprendizagem da língua, é a necessidade de a Escola, nas práticas de letramento, contemplar gêneros virtuais e variados recursos tecnológicos, como forma de incentivar a produção de textos e o desenvolvimento de habilidades de novas formas de ler e escrever.

## **1. Gêneros discursivos e mídia virtual**

As esferas das atividades humanas, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua e a circulação dos discursos. Estes não são atos isolados, uma vez que são sempre legitimados por alguma instância de atividade humana socialmente organizada. Assim, todo falante, em função da especificidade da esfera de comunicação, do modo de produção e recepção do texto, mobiliza diferentes competências e elabora tipos relativamente estáveis de enunciados, denominados gêneros do discurso (BAKHTIN, 2000).

Ao discutir a proposta bakhtiniana de gêneros do discurso, Faraco (2003, p.112) comenta:

O pressuposto básico da elaboração de Bakhtin é que o agir humano não se dá independente da interação; nem o dizer fora do agir. Numa síntese, podemos afirmar que, nessa teoria, estipula-se que falamos por meio de gêneros no interior de determinada esfera de atividade humana. Falar não é, portanto, apenas atualizar um código gramatical num vazio, mas moldar o nosso dizer às formas de um gênero no interior de uma atividade.

Os gêneros têm sempre um envolvimento social, ou melhor, um caráter sócio-histórico determinado. “Não se pode tratar o gênero de discurso

independentemente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas” (MARCUSCHI, 2008, p.155). Além disso, todas essas atividades estão relacionadas ao uso da língua, que se efetiva por meio de enunciados orais e escritos. Para Bakhtin (2000, p.302), “aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, menos ainda, é óbvio, por palavras isoladas)”.

Cada domínio discursivo, esfera da vida social ou institucional, desenvolve práticas características e dá origem a vários gêneros, que nele circulam (discurso jornalístico, jurídico, religioso, político, militar, pedagógico, entre outros). Ao tratar dessa questão, Marchushi (2008, p. 194) explica:

[...] os domínios discursivos produzem modelos de ação comunicativa que se estabilizam e se transmitem de geração a geração, com propósitos e efeitos definidos e claros. Além disso, acarretam formas de ação, reflexão e avaliação social que determinam formatos sociais que, em última instância, desembocam na estabilização de gêneros textuais. E eles também organizam as relações de poder.

É justamente pelas distintas práticas sociais desenvolvidas nos diversos domínios discursivos que sabemos que [...] nossa produção textual na universidade e numa revista de variedades não será a mesma. Conseqüentemente os domínios discursivos operam como enquadres globais de superordenação comunicativa, subordinando práticas sociodiscursivas orais e escritas que resultam nos gêneros.

Há gêneros que circulam, apenas, num domínio específico, como a ordem do dia, na área militar, as novenas e ladainhas no domínio religioso e a redação escolar, na sala de aula. Outros se situam na interface entre a fala e a escrita como os noticiários de TV, os contos populares – produzidos oralmente, mas transmitidos pela escrita.

Pinheiro (2002, p.278-279), ao analisar os gêneros nos produtos midiáticos, comenta:

As frequentes mudanças provocadas pela velocidade e tecnologização nos meios de comunicação de massa e o desmoronamento de gêneros já consagrados nesses meios faz brotar uma variedade de gêneros híbridos, construídos em decorrência da necessidade de gerar o “novo”: criar, transformar, modificar, mesclar, inovar o que é, antes de tudo, o mesmo. [...] Em função das especificidades que envolvem tanto forma como conteúdo, um programa feminino na televisão, um telejornal ou um editorial em jornais e em revistas femininas são percebidos pelos receptores como tipos de textos diferentes em que cada um guarda suas características e constrói efeitos distintos dentro do processo. Nesse caso, o meio torna-se também uma variável.

Tais mudanças comprovam que os gêneros, mesmo sendo formas tipificadas, são dinâmicos, permitem misturas, inter-relações para dar conta de necessidades da vida social, que se manifestam em novas circunstâncias.

Os suportes tecnológicos da realidade atual, principalmente a internet, favorecem o surgimento de uma variedade de novos gêneros como videoconferências interativas, bate-papos virtuais (chats) em todas as modalidades (chat em aberto, chat reservado, chat agendado, chat privado), e-mails, aulas virtuais, diários participativos (blogs), entre outros, com características típicas da oralidade e da escrita. Esses novos gêneros, desenvolvidos na mídia virtual, possibilitam uma nova forma de comunicação, com um novo modo discursivo denominado “discurso eletrônico.”

Para Marcuschi (2008, p.200), a relevância de se tratar dos gêneros emergentes reside em pelo menos quatro aspectos:

1. São gêneros em franco desenvolvimento e fase de fixação com uso cada vez mais generalizado;
2. apresentam peculiaridades formais próprias, não obstante terem contrapartes em gêneros prévios;
3. oferecem a possibilidade de se rever alguns conceitos tradicionais a respeito da textualidade;
4. mudam sensivelmente nossa relação com a oralidade e a escrita o que nos obriga a repensá-la.

Uma das características centrais dos gêneros digitais é a alta interatividade, em muitos casos de forma síncrona, fato que lhes confere um caráter inovador na relação fala e escrita. Os e-mails, por exemplo, substituíram as cartas pessoais, comerciais e os bilhetes, seus antecessores. Neles, os interlocutores interagem, construindo um texto “falado” por escrito. Ao discutir a questão de ser o e-mail apenas um canal ou um gênero, Paiva (2004, p.77-78) esclarece:

Entendo que o meio de transmissão de mensagens eletrônicas e-mail gerou um novo gênero textual também denominado e-mail que gera textos diversos que se distinguem dos demais textos (anúncios, cartas etc) também transmitidos eletronicamente. [...]

Vejo o *e-mail* como um gênero eletrônico escrito, com características típicas de memorando, bilhete, carta, conversa face a face e telefônica, cuja representação adquire ora a forma de monólogo ora de diálogo e que se distingue de outros tipos de mensagens devido a características bastante peculiares de seu meio de transmissão, em especial a velocidade e a assincronia na comunicação entre usuários de computadores.

Para Violi (2009), o e-mail pode ser considerado como um subgênero do gênero textual mais geral da troca epistolar. Apresenta características comuns com o esquema geral que define o gênero, mas também apresenta diferenças importantes e únicas. Ao comparar o e-mail com o gênero carta, essa autora argumenta:

Se as cartas regulares são geralmente caracterizadas por uma dupla distância, tanto em tempo como em espaço, no e-mail, apenas a distância espacial é preservada, enquanto a distância temporal é reduzida a virtualmente tempo zero. Apesar de este não ser sempre o caso, e as mensagens podem

obviamente tornar-se mais longas, a troca de duas mensagens no ambiente do correio eletrônico pode ser quase imediata, e esse é frequentemente o caso, quando duas pessoas estão usando o sistema ao mesmo tempo. [...] Desse ponto de vista, o 'agora' do remetente é assumido como sendo o mesmo 'agora' do destinatário; em outros termos, os dois tempos da elocução são tomados como coincidentes. Uma situação como essa está muito mais próxima da conversação oral que das cartas escritas (VIOLI, 2009, p.50-51).

O blog, corruptela de weblog, funciona como uma agenda digital acessível a qualquer um na rede. É um tipo de diário virtual público que contém informações sobre determinada pessoa, lugar ou situação e que é usado para expressar idéias, opiniões e posição em face de determinado assunto. Os blogs são dinâmicos, interativos; têm uma abertura para receber comentários sobre o que foi escrito ou recados. Permitem a convivência de textos escritos, de imagens (fotos, desenhos, animações) e de som (músicas principalmente).

Como explica Komesu (2004, p.113), as condições típicas de enunciação, o caráter público da atividade, a rápida atualização e manutenção dos escritos em rede, a interatividade com o leitor das páginas pessoais, entre outros aspectos, permitem considerar-se o blog um novo gênero, embora possam ser identificados também, em sua constituição, traços dos diários tradicionalmente escritos.

Ainda que a multimodalidade não seja exclusiva dos gêneros virtuais, no espaço do hipertexto, ela se acentua, visto que há maior integração entre as semioses (linguagem verbal, som, imagem, ícones e a própria disposição gráfica do texto na tela do computador).

Na verdade, os gêneros virtuais não são inovações absolutas, mas formas discursivas que se ancoram em gêneros já existentes. Segundo Crystal (apud MARCUSCHI e XAVIER, 2004, p.94), "do ponto de vista dos gêneros realizados, a Internet transmuta de maneira bastante complexa gêneros existentes, desenvolve alguns realmente novos e mescla vários outros."

No chat, a relação dialógica apresenta-se na forma de uma conversação que se dá por meio de enunciados construídos num texto falado por escrito. Tem muito de uma conversa espontânea como alto grau de informalidade e descontração, frequentemente uma escrita abreviada, recorrência de períodos curtos e de marcadores conversacionais. Tem, ainda, auxiliando a compreensão pragmática do texto, a presença de emoticons, ícones que traduzem sentimentos e emoções dos interlocutores, além de outros recursos que suprem a ausência da voz, dos gestos, da expressão fisionômica, característicos da interação face a face, como, por exemplo, o uso excessivo dos sinais de pontuação, letras em tamanho maior ou menor, alongamento de vogais e consoantes, quebra de fronteiras entre as palavras.

Nele, as conversas se estabelecem numa rede de ligações na qual se recebem mensagens que podem ser respondidas numa alternância ininterrupta de enunciados. Considerando que, na visão bakhtiniana, "compreender a

enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente, opor à palavra do locutor uma contrapalavra” (BAKHTIN,1986, p.131), no chat “concordando, discordando, completando, opinando sobre um tema que ali se constituiu enquanto objeto de interlocução discursiva, promove-se uma alternância desejada na qual o ouvinte não é passivo, porque assume uma atitude responsiva ativa diante do texto que lê” (BERNARDES; VIEIRA, 2006, p.58-59). Numa leitura que se torna escritura, o leitor passa a ter um papel mais ativo, e a fronteira entre o escritor e o leitor se fragiliza, visto que a produção do texto resulta de uma co-autoria.

Na verdade, a internet se constitui como espaço de interação e de produção de linguagem. Todos os sites possuem links que buscam estabelecer contato com o visitante, pedem a participação do usuário por meio de uma ação interativa que se realiza quase sempre pela modalidade escrita da língua. Para Xavier (2006), a própria idéia de hiperlink já carrega em si o traço interacional, dialógico, visto que “conduz o leitor a outros sites indexados à net, colocando-o em contato com uma verdadeira rede de relações interpessoais e interinstitucionais.”

## **2. Oralidade e escrita no contexto da internet**

Entre as diferenças, mais frequentemente mencionadas nos estudos sobre fala e escrita, apontam os autores a dicotomia contextualização x descontextualização.

Tal fato decorre de se limitar a noção de contexto à situação física em que o enunciado é produzido. Nesse caso, a fala seria, por sua própria natureza, contextualizada, e o contexto situacional poderia ser assumido na produção textual como parte integrante do texto. Por outro lado, como o leitor não dispõe do contexto de produção do autor, a escrita necessitaria ser plenamente explícita, isto é, o autor precisaria dar conta linguisticamente dessas condições. O que ocorre de fato é que, ao produzir um texto, um falante/escrevente não apenas se situa em relação ao espaço e tempo, mas vai situando seu ouvinte/leitor dentro de um quadro mais amplo que opera como contextualização, conduzida por pistas prosódicas, lexicais, estilísticas, dialetais etc. Tais pistas, presentes tanto nos textos orais como nos textos escritos, guiam os ouvintes/leitores na interpretação das informações textuais e contextuais (conhecimento de mundo, conhecimentos situacionais ou enciclopédicos e conhecimento da estrutura da língua). Assim, contexto não é só a situação interlocutiva, o entorno sócio-político-cultural em que os interlocutores se inserem ou o contexto linguístico, mas também o contexto sociocognitivo.

Do mesmo modo, a explicitude deixa de ser vista como uma propriedade exclusiva da escrita, como uma decorrência da descontextualização e da verbalização. A implicitude, por sua vez, constituída por intenções, inferências e subentendidos, não se relaciona dicotomicamente com a explicitude, porque, no

funcionamento discursivo do texto, os sentidos são gerados numa interação. O que em um texto deve ser explicitado ou o que pode ficar implicitado, depende, em grande parte, do uso que o produtor faz dos fatores contextuais.

Os estudos mais recentes, ao focalizarem as diferenças entre fala e escrita no continuum das práticas sociais, comprovam, também, que a interatividade não é exclusiva de uma modalidade, mas uma propriedade de todo e qualquer uso da língua. Assim, tanto na fala quanto na escrita, há marcas interativas que comprovam o princípio do “dialogismo”: ninguém fala/escreve sem ter em mente um interlocutor. Da mesma forma, essas marcas, ao serem utilizadas pelo ouvinte/leitor, funcionam como pistas contextualizadoras para a construção do sentido do texto.

Marcuschi (2001, p.37-38), ao estabelecer as relações entre fala e escrita no contexto efetivo dos usos linguísticos, defende a hipótese de que as diferenças entre as duas modalidades da língua se dão dentro de um continuum tipológico das práticas sociais, o que impediria se situar a oralidade e a escrita em pólos opostos ou em sistemas linguísticos diversos. As duas modalidades podem ser tidas como modos complementares de enunciação com interfaces amplas, o que sugere maior número de semelhanças do que de diferenças. Consideradas no interior das práticas sociais, fala e escrita identificam gêneros de textos, concebidos como orais ou escritos em maior ou menor grau. Um discurso acadêmico, por exemplo, embora seja um texto falado do ponto de vista de sua realização fônica, está, na sua concepção, mais próximo de um texto escrito. Embora se apresente oralmente, será sempre um gênero secundário por pertencer a uma esfera complexa de comunicação, que é a científica. Já as cartas íntimas e pessoais, ainda que se realizem por escrito, aproximam-se, conceptualmente, de um texto falado. Desta forma, o que justifica o rótulo primário ou secundário não é a modalidade da língua utilizada, mas a esfera a que se vincula o gênero (ARAÚJO, 2004, p.93).

Os gêneros virtuais, objeto de estudo deste trabalho, ao se constituírem na interface oralidade/escrita, tornam possível que uma propriedade, como a simultaneidade temporal, por exemplo, até há pouco tempo, exclusiva da fala, esteja presente na prática da escrita a distância. Outro aspecto da oralidade que se faz presente na conversação on-line é que nesta a atividade conversacional, mediada pela escrita, também se estabelece em turnos, em que os interlocutores se alternam. A volatilidade do meio exige turnos predominantemente curtos, constituídos basicamente de pares adjacentes.

Marcados por “certa informalidade, menor monitoração e cobrança pela fluidez do meio e pela rapidez do tempo”, os “gêneros emergentes”, resultantes, muitas vezes, de um certo hibridismo, redefinem os usos da linguagem na atualidade e desafiam as fronteiras entre oralidade e escrita (MARCUSCHI, 2004, p.29).

Para esse autor (2004, p.63-64), escrever pelo computador no contexto da produção discursiva dos bate-papos síncronos (on-line) não é uma nova forma de escrita, mas uma nova relação com os processos de escrita, um novo letramento. Cita Halliday (1996) para dizer que “sob o impacto das novas formas de tecnologia”, presencia-se uma nova situação que “está desconstruindo toda a oposição entre fala e escrita.”

Ao analisar os novos gêneros do ciberespaço, Costa (2006:26) chama a atenção não só para a quebra das concepções tradicionais de oralidade e escrita, mas também para a dissolução das fronteiras entre leitura e escrita e para novos conceitos de autoria, escritor, leitor. Para esse autor, ao navegar na rede, o usuário não está se apropriando apenas de “novos códigos sonoro-visuais ou gráfico-auditivos comunicativos para ler e escrever, mas, sim, construindo um novo objeto conceitual mediado por novos tipos de interação linguística, social e cultural.”

Com o hipertexto, a leitura se torna simultaneamente uma escritura e os limites entre leitor e escritor também se alteram. Nesse tipo de leitura, o leitor passa a ter um papel mais ativo, e a fronteira entre o escritor e o leitor se fragiliza, visto que a produção do texto resulta de uma co-autoria.

Ao explicar a ruptura de limites entre autor e leitor no hipertexto, Marcuschi (2007, p.155), comenta:

Ao se mover livremente, navegando por uma rede de textos, o leitor procede a um descentramento do autor, fazendo de seus interesses de navegador o fio organizador das escolhas e das ligações. Certamente, o leitor procede por associações de ideias que o conduzem a sucessivas escolhas, produzindo uma textualidade cuja coerência tem um toque pessoal. Pode-se até mesmo dizer que não há, efetivamente, dois textos iguais na escritura hipertextual.

### **3. Gêneros digitais e ensino**

Embora seja lugar comum afirmar que os adolescentes e jovens, em especial, não têm o hábito da leitura e da escrita, a verdade é que eles passam horas “navegando” no espaço virtual, lendo e escrevendo no Orkut, no Facebook e outros sites de relacionamento. Por que, então, não utilizar os gêneros digitais como ferramentas para novos letramentos, capacitando os estudantes a uma interação mais participativa no meio social?

Ao afirmar que a geração atual tem adquirido o letramento digital antes mesmo de ter-se apropriado completamente do letramento alfabético ensinado na escola, Xavier (2006) assinala:

Defendo que o uso dos gêneros digitais da internet não prejudica a aprendizagem da escrita pelos adolescentes. Antes deve servir de contraponto para a escola alertar esses usuários sobre a necessidade de se comportar diferentemente diante dos vários gêneros e suportes textuais e assim adequar



a escrita a cada um deles. [...] a internet surge mais como ferramenta de auxílio à aquisição de habilidades de leitura e escrita do que como um novo empecilho para o domínio dessas habilidades.

Na contemporaneidade, em função do avanço tecnológico e da expansão das mídias eletrônica e digital, à prática do letramento da escrita, do signo verbal, devem ser incorporadas outras práticas de letramento, centradas na imagem, no signo visual, uma vez que a multimodalidade tornou-se traço constitutivo do discurso oral e escrito (DIONÍSIO, 2006, p.132). Além disso, os novos formatos de leitura e escrita e a mudança na concepção de leitor e autor determinados, em especial, pelo uso do computador e pelos hipertextos, vêm definindo um novo cenário educacional.

Assim como no final dos anos 90, os Parâmetros Curriculares Nacionais transformaram os gêneros discursivos em objeto de ensino e possibilitaram uma revisão nas relações entre oralidade e escrita, os gêneros digitais da atualidade também vão determinar alterações curriculares e uma nova postura didático-pedagógica, abrindo o espaço escolar às novas tecnologias de informação e comunicação. Para isso é urgente capacitar professores e alunos na utilização de ferramentas midiáticas de forma que essas sejam instrumentos de leitura e escrita.

Rojó, Barbora e Collins (2006, p.109-110), ao tratarem de letramento digital em projeto de formação continuada de professores, esclarecem:

Quando mediados por computadores como ferramentas cognitivas, os processos de planejamento e desenvolvimento tradicionais são substituídos por processos de representação, criação e expressão que só as novas mídias propiciam. Em vez de usar as tecnologias para limitar e regular os processos de aprendizagem dos professores-alunos, por meio da utilização de estilos e dinâmicas pré-concebidas de interação, trata-se de oportunizar um processo de apropriação das mídias pelos participantes que dela passam a fazer uso para analisar o mundo, acessar informação, interpretar e organizar seu conhecimento pessoal e representar o que sabem para outros.

É necessário, portanto, que os sistemas de ensino, em todos os níveis, não só capacitem os professores para o domínio das ferramentas oferecidas pelo ambiente virtual, mas promovam, de fato, um redirecionamento das formas de ensino/aprendizagem. No tocante aos alunos, deve a Escola aproveitar as habilidades que os mais jovens têm em relação à mídia eletrônica e oportunizar experiências que os preparem para lidar com novos gêneros discursivos, novas formas de ler e escrever em sintonia com um mundo em permanente transformação, onde não mais existem barreiras de tempo e espaço.

Importa salientar que o letramento digital propiciará aos estudantes postura mais crítica frente ao universo informacional da rede que os auxilie na pesquisa e avaliação do material coletado, bem como favorecerá o uso consciente das novas tecnologias. Além disso, o trabalho com os gêneros da mídia virtual pode dinamizar

as atividades de produção textual para além dos limites estritamente linguísticos, possibilitando uma análise que considere as formas de composição, circulação e recepção dos textos bem como os recursos multissemióticos. Como nos alerta Xavier (2006), a internet pode contribuir na formação intelectual e linguística dos seus usuários, uma vez que “tende a fazer deles vorazes leitores e autores de textos sejam verbais, visuais, sonoros ou hipertextuais, habilidades que a escola e suas milenares ferramentas pedagógicas têm conseguido com muita dificuldade.”

Vale destacar que a apropriação das ferramentas digitais por professores e alunos atenderá à necessidade de abertura do espaço escolar para a vida extramuros, onde a tecnologia, já faz algum tempo, é realidade.

### **Conclusão**

Ao longo deste trabalho, procurou-se demonstrar que, com a Internet, novas formas de comunicação e gêneros em diversos formatos apresentam-se aos indivíduos e exigem, de todos, competências e habilidades para circular e agir num mundo dominado por novas tecnologias e diferentes modos de interação. A partir dessa constatação, buscou-se refletir sobre o hipertexto e as mudanças no ato de ler por ele provocadas, as especificidades de alguns gêneros digitais, bem como sobre a possibilidade de considerá-los transmutações de gêneros mais convencionais que circulam em outras esferas de atividade humana.

Avaliou-se também a interface entre oralidade e escrita nos textos produzidos na mídia virtual, a existência de uma “escrita oralizada” nas práticas discursivas mediadas por computador e a redefinição dos papéis de autor e leitor.

Por fim, as reflexões se centraram na necessidade de a Escola, além do desenvolvimento de atividades com gêneros textuais veiculados no meio impresso, trabalhar os gêneros digitais como ferramentas de ensino-aprendizagem, de modo a permitir que os estudantes possam interagir de forma mais consciente, como leitores e escritores, nas diversas práticas discursivas vivenciadas em seu cotidiano.

### **REFERÊNCIAS**

ARAÚJO, Júlio César Rosa de. *A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero textual*. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros textuais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.91-109.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Ensino Superior).

\_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem*. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BERNARDES, Alessandra Sexto; VIEIRA, Paula M. Teixeira. *O chat como produção de linguagem*. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.45-63.

COSTA, Sérgio Roberto. *Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper) textuais na Internet*. In: \_\_\_\_\_; FREITAS, Maria Teresa de Assunção (orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.19-27.

DIONÍSIO, Angela Paiva. *Gêneros multimodais e multiletramento*. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo. As idéias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Edições Criar, 2003.

KOMESU, Fabiana. *Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet*. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.110-119.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. (Educação Linguística: 2)

\_\_\_\_\_. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. (Série Dispersos).

\_\_\_\_\_. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. In: \_\_\_\_\_; XAVIER, Antônio Carlos (org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.13-67.

\_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. *E-mail: um novo gênero textual*. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.68-90.

PINHEIRO, Najara Ferrari. *A noção de gênero para análise de textos midiáticos*. In: MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée (org.). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2002. p. 259-290. (Coleção Signum).

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline Peixoto; COLLINS, Heloísa. *Letramento digital: um trabalho a partir dos gêneros do discurso*. In: KARWOSKI, Acir Mário;



GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p.107-130.

XAVIER, A. C. *Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da internet*. In:<http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Reflex%F5es%20em%20torno%20da%20escrita%20nos%20novos%20g%EAneros%20digitais.pdf>. (2006). Acesso em: 14/11/2011.

\_\_\_\_\_. *Leitura, texto e hipertexto*. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antônio Carlos (org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

VIOLI, Patrícia. *O diálogo eletrônico entre a oralidade e a escrita: uma abordagem semiótica*. In: BEZE RRA, Benedito Gomes; BIASI-RODRIGUES, Bernadete; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (org.). *Gêneros e sequências textuais*. Recife: Edupe, 2009. p.45-60.